

JUVENTUDE E RELIGIÃO: MODOS DE SUBJETIVAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

Aluno: Danilo Marques da Silva Godinho
Orientadora: Solange Jobim e Souza

Introdução – A Função Histórica da Religião

Peter Berger, em seu livro: “O Dossel Sagrado”, pensa o homem enquanto produtor da cultura e ao mesmo tempo produto desta. Assim, como abarca uma infinita gama de possíveis significados, disponíveis na realidade social, a cultura traz também em si, interpretações e modos de subjetivação prontos para serem usados. Pode-se dizer que o homem vive amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, a uma cultura que tendo sido por ele construída, acaba por construí-lo também. A cultura representa neste contexto, as possibilidades de análise do homem pelo próprio homem, e por vezes não conseguimos enxergar diante do emaranhado cultural novas formas de simbolização mais condizentes com aquilo que estamos vivendo.

Ao atribuir sentido para aquilo que experimenta, o homem não apenas constrói o mundo objetivado, mundo que subsiste fora dele e assume o caráter de realidade objetiva, mas também constrói a si mesmo enquanto realidade subjetiva, identificando-se à sua maneira com os sentidos objetivados. Estas duas realidades, objetiva e subjetiva, se constituem mutuamente, num processo de socialização que em seu caráter dialético, enreda indivíduo e sociedade numa mesma rede de costura. Nesta rede não há um processo linear, mas sim um eterno vai e vem, um movimento vivo de constantes transformações.

A necessidade do homem de significar suas experiências, nomeando-as através do processo de simbolização, aparece no texto de Berger como a mais importante função da sociedade. O homem necessita de um sentido capaz de nortear a sua existência, e para isso atribui uma ordem significativa à realidade em que vive. É neste sentido, que o autor fala da religião enquanto um empreendimento humano presente em toda a história, que visa à construção de um cosmos sagrado, de uma fé que desconheça distinções de tempo e de espaço, e que por esta razão transcenda o homem de dentro do seu contexto existencial. Portanto, a religião, a exemplo da cultura e da sociedade, também é um produto do homem, relacionando-se com ele de um modo igualmente dialético.

Historicamente a religião sempre representou o mais eficaz e legítimo instrumento de manutenção da ordem pré-estabelecida. A função da religião parece ter sido fundamentalmente esta: a de manter e garantir a legitimidade de toda uma ordem construída, dotando assim a realidade social, de um caráter divino que esta para além do alcance dos homens. Ao longo da história, o homem se acostumou a perceber a ordem do mundo como uma realidade determinada por forças universais e superiores, com às quais não é possível confrontar, esquecendo-se de que foi o próprio homem que estabeleceu tal ordem através das suas atividades no mundo.

Nessa perspectiva a ordem institucionalizada foi compreendida como algo que reflete diretamente a estrutura divina do cosmos, uma espécie de micro-estrutura do que se supõe existir num nível superior, macro. Assumindo o papel a que foi designado no plano terrestre, o homem estaria apenas participando corretamente do que se encontra pretendido no cosmos divino, encarnando-o fielmente. Mesmo que este arcaico esquema de interpretação de mundo tenha desmoronado em muitas civilizações, à medida que estas evoluíram intelectualmente, a

religião ainda permaneceu por vários séculos como a principal agência de legitimação da ordem institucionalizada e até hoje desempenha este papel.

No texto é dito: “A religião legitima as instituições infundindo-lhes um status ontológico de validade suprema, isto é, situando-as num quadro de referência sagrado e cósmico” (p.46). Isto significa que as legitimações religiosas deram poder às instituições, preenchendo-as de razão de ser, sendo estas percebidas pelo homem como óbvias e inevitáveis, dada a vontade divina. Sacralizadas as instituições sociais, as designações dos papéis a que os indivíduos devem se prestar, também são resguardadas pela legitimidade divina. Deus confia ao homem a direção correta a ser seguida e a postura a ser adotada, representando o mais importante espelho da verdade e do caminho. A religião revela-se aí como um importante mecanismo de controle social.

Objetivos – Um Recorte da Juventude pela Religião

Renato Janine Ribeiro discute, em seu texto “Política e Juventude: O que Fica da Energia”, a necessidade de se adotar um novo olhar sobre a juventude, um olhar menos totalizador capaz de enxergar nela, movimentos que mesmo fora do domínio político por excelência, falam de novas formas de dialogar com o mundo. Neste sentido o autor nos convida a refletir sobre a existência não apenas de uma juventude, mas sim de várias formas de ser jovem que despontam no horizonte contemporâneo.

No texto em questão, a juventude de hoje é diferenciada das de 1968 e de 1984, em que os jovens saíam às ruas na forma de um bloco único, para reivindicar os seus direitos e revolucionar a ordem mundial. A juventude atual não se propõe a romper radicalmente com a ordem vigente, mas a provocar ruídos nela, abalar seus paradigmas a partir de desvios minoritários, menos gerais, porém mais profícuos. Assistimos hoje a uma diversidade de movimentos juvenis profundamente engajados na luta pela defesa de seus ideais. O que está sendo colocado em discussão, portanto, é a necessidade de observação e estudo das formas inusitadas e específicas que podem ser apreendidas do comportamento de alguns destes jovens contemporâneos.

A idéia do estudo da juventude, tendo como foco a religião, surgiu no momento em que foi assistido e debatido no grupo de pesquisa, o documentário “Jovens no Centro”¹. O documentário não tinha o objetivo prévio de dar qualquer destaque ao tema da religião, contudo, este tema nos surpreendeu pela reincidência com que apareceu na fala dos jovens. Se a energia do jovem já não pode ser reduzida a uma forma única de canalização, uma única diretriz, observamos hoje uma liberdade muito maior experimentada pelos jovens na hora de se conectar com o aspecto religioso. No filme, os relatos dos jovens denunciam, em muitos casos, uma tendência de escolha religiosa por crenças diferentes das dos pais.

Tive a oportunidade de assistir ao debate do filme em questão, ocasião em que a organizadora do livro “Juventude e Sociedade”, Regina Novaes, lembrou que embora as tradições religiosas tenham sofrido rupturas, a fé religiosa não desapareceu. Esse contexto atual nos leva a pensar que, ao contrário do que possa parecer, não é que os jovens estejam sem um senso de fé, na verdade estão mais livres para se conectar com aquilo em que verdadeiramente acreditam, buscando um sentido próprio para as suas experiências.

O texto “Pensar a religião entre os jovens e pensar a juventude a partir da religião”, do pesquisador canadense Jean-Philippe Perreault (2005), aponta para a ruptura com a tradição religiosa, ocorrida a partir da segunda metade do século XX e verificada tanto no Canadá como no Brasil. Diferenças locais à parte, o que pôde ser observado foi uma mudança de concepção do que se entende por religião, mudança esta que levou ao surgimento de um

¹ Coordenação de Pesquisa: Paulo Carrano, Educação, UFF. Direção: Marcelo Brito. Duração 71 min. (2005), circulação restrita.

pluralismo religioso institucional. Foi o fim do monopólio católico, até então absoluto no mundo ocidental, e início de uma secularização religiosa, representada pela instauração de sociedades pluralistas caracterizadas pela liberdade do indivíduo em relação à autoridade das instituições e dos símbolos religiosos. A reflexão sobre si próprio e sobre a vida, sem a necessidade de intermediários, começou a se tornar possível.

A partir desta ruptura, os jovens passam cada vez mais, a misturar em si, diferentes crenças, comportando na grandeza de suas experiências, vários perfis de identidades religiosas. O imaginário religioso dos jovens fica então mais flexível, permitindo novas construções de fé, novas formas de experimentar o contato com algo que transcende, impossível de ser apreendido exclusivamente de fora para dentro, sem uma perspectiva reflexiva. A juventude atual pode ser a primeira a estar de fato rompendo com uma forma de transmissão linear da experiência religiosa.

O jovem goza de uma liberdade para pensar o funcionamento do mundo e a sua própria existência sem ter necessariamente que recorrer às formas já criadas, fundadas na tradição histórica. Prova de que o jovem contemporâneo se apropria de modo mais criativo da dimensão sagrada, inovando na hora de se conectar com ela, é que mais de 40% dos jovens quebequenses que se dizem católicos, acreditam na reencarnação e 32% dos adolescentes católicos franceses de 12 a 25 anos que assistem a celebrações semanais, crêem também na astrologia e na transmissão de pensamento (Champion et Lambert, 1992:72s.).

Os processos de modernização, secularização, e globalização, intensificados principalmente a partir da segunda metade do século XX, criaram um contexto no qual as diversas formas de se relacionar com a fé tiveram uma maior visibilidade. Neste cenário, as religiões deixam de ser compreendidas como detentoras de uma suposta verdade, não mais se opondo na busca por ela. O que parece se processar a partir de então é uma troca maior entre as diferentes doutrinas religiosas. Cada religião passa a ser compreendida como mais uma forma de expressão cultural, única e legítima no seu empreendimento de busca pelo sagrado.

Neste novo mundo há um campo de expressão bem mais amplo, um palco maior exigindo uma platéia mais tolerante às apresentações alheias. Corroborando com isso o texto em questão apresenta o fato de que 70% dos quebequenses com idades entre 16 e 35 anos consideram todas as religiões válidas e somente 19% dos adolescentes europeus pensam existir uma religião mais verdadeira do que as outras (Champion et Lambert, 1992:87). Para marcar bem a diferença no pensamento religioso da juventude ao longo da segunda metade do século XX, o texto traz ainda outros dados de pesquisa apontando que em 1951, “cerca de 50% dos jovens católicos franceses consideravam sua religião sendo a única verdadeira e essa porcentagem passaria a 16% em 1981” (Lambert, 1997:82).

A dimensão religiosa de hoje parece não estar contida em territórios pré-definidos e bem demarcados, como no caso dos dogmas antigos. Torna-se, portanto, infecundo, buscar vislumbrar nela os limites de tais territórios. Sua organização não mais se sustenta dentro de uma estrutura de pensamento pautada pela lógica anterior. Ao contrário disso, ela se inscreve sobre o signo de uma nova lógica, mais híbrida no seu modo de operar.

Para melhor compreendermos esta nova tendência que desponta no horizonte contemporâneo, é preciso que se tenha em mente as inerentes dificuldades de decifrá-la, dada a sua recente e processual existência. Contudo, creio que uma passagem do texto de Preeault, aqui discutida, deixa transparecer um pouco da postura religiosa deste jovem que esta buscando um sentido particular para aquilo que experimenta: “O peregrino moderno torna-se o ator principal da construção do sentido, na medida em que só ele pode traçar seu itinerário, viver a experiência da estrada, com o risco da itinerância.”(p.168).

No decorrer do século XX, as juventudes caminharam na direção desta vivência menos totalizadora no que concerne à experiência religiosa. Sentada sobre o centro do novo, ela se experimentou e continua se experimentando de inúmeras formas diferentes, brincando

de se transmutar em si mesma; recusa o modelo de experimentação de mundo baseado em certezas preconcebidas, e debate com menos pudor com as regras estabelecidas. Depois de atravessar duas grandes guerras mundiais e a eclosão de regimes ditatoriais, a juventude de hoje rompe, de forma mais direta, com uma transmissão linear dos valores religiosos no interior da família. Verifica-se assim, uma diversidade religiosa maior, em que cada um, independente da escolha familiar, trilha caminhos particulares.

A religião assume para a juventude, a forma de uma fé que não se limita à doutrina de qualquer crença específica, mas que se liberta, podendo ser apreendida e construída de diversas maneiras diferentes. Neste sentido, esta é uma concepção de religião que não se constitui descolada da vida, mas que pelo contrário encontra nela a sua razão de ser, permitindo que cada um se sinta mais livre para significar a sua maneira a dimensão do sagrado.

Esta nova construção do sagrado, desmistifica a idéia de que não há a possibilidade de diálogo entre as doutrinas religiosas. Ainda que possuam diferenças fundamentais, existem entre elas, pontos afins, interseções que falam de algo em comum, aproximando-as. E é neste sentido que a juventude surge como o espaço ideal para se pensar uma nova concepção de fé, que abarque o sentir subjetivo de cada um. Neste sentido, tendo por base as reflexões teóricas apresentadas, nosso objetivo é buscar uma compreensão da relação da juventude com a religião a partir de depoimentos de jovens, entre 15 e 26 anos, de diferentes segmentos sociais, como veremos a seguir.

Metodologia

Uma das principais características da metodologia aqui utilizada é a de procurar integrar a produção do conhecimento no campo da pesquisa com a intervenção social, construindo estratégias para reunir, analisar e discutir as narrativas sobre o tema “Juventude e Religião” que emergem a partir de uma dinâmica que denominamos “**Oficinas de debate com grupos focais**”, contemplando *grupos de jovens*, entre aproximadamente 18 a 25 anos de diferentes segmentos sociais. Esta pesquisa intervenção tem como propósito organizar um conjunto significativo de depoimentos gravados em vídeo, para posterior análise e edição. A intenção é, além de conhecer a juventude a partir da religião como um aspecto da vida social que é constitutivo do sujeito, criar também oportunidades dos jovens se confrontarem com as suas próprias experiências religiosas, além de compartilhar através do debate e de uma escuta atenta do outro, as infinitas possibilidades de se construir um modo de ser a partir da experiência religiosa.

Todo o material discursivo, produzido a cada oficina de debate sobre este tema será gravado em vídeo para, posteriormente, ser utilizado com novos grupos de jovens, com o objetivo de ampliarmos o debate social sobre a experiência religiosa e sua diversidade de possibilidades de manifestação. Deste modo, pretende-se desencadear uma consciência crítica, a partir de jogos de linguagem entre jovens de diferentes segmentos sociais, propiciados pelas “oficinas de debates”, tendo em vista analisar os movimentos de tolerância e intolerância e o respeito pelo outro na contemporaneidade, a partir de um olhar para o cotidiano que nos conduz, em última instância, a uma análise do sentido da ética no mundo atual a partir da experiência religiosa entre os jovens.

A pesquisa como intervenção com grupos focais

A linguagem é elemento central nos processos de constituição do sujeito, da sociedade e da cultura. Na linguagem o sujeito constitui a história de sua época e registra para as gerações presentes e futuras, o que é, o que foi e o que será o mundo e os sujeitos que nele habitam.

As narrativas que se processam no cotidiano trazem à tona questões subjetivas e culturais profundas e abrangentes, além de nos conduzirem a uma reflexão crítica sobre o poder da linguagem para desencadear novas estratégias de ação.

O objetivo das oficinas foi deflagrar discursividades alternativas sobre o tema da juventude e os modos de manifestação da religiosidade em uma dinâmica que envolverá três distintos grupos focais, em sessões com duração média de 60 minutos, para cada grupo separadamente. Os grupos focais representam os seguintes segmentos sociais:

- a) Alunos universitários da PUC-Rio.
- b) Jovens residentes na comunidade de Vila Canoas, em São Conrado;
- c) Jovens residentes em condomínios de classe média da Zona Sul do Rio de Janeiro.

Em síntese, nosso objetivo é produzir, a partir das oficinas, um documentário com base nas cenas gravadas durante as oficinas. A intenção desta pesquisa-intervenção tem um duplo sentido: primeiro, a pesquisa propriamente dita, realizada a partir da metodologia com grupos focais, revelando aspectos sobre as representações subjetivas e sócio-culturais sobre a juventude e a religiosidade em nosso contexto social; segundo, a criação de um material em forma de vídeo-documentário para ser exibido para um público mais amplo. Neste sentido, pretende-se que o público em geral, ao ter acesso ao vídeo-documentário, em um outro momento e contexto diferente do da pesquisa, possa se reconhecer nas vozes dos participantes das oficinas, desenvolvendo uma atitude crítica e reflexiva sobre as questões da produção subjetiva a partir da experiência com a religiosidade. Portanto, a pesquisa-intervenção, neste caso, tem como propósito criar um material que incentiva a discursividade, o vídeo-documentário, cuja intenção é dar continuidade ao debate iniciado no âmbito do processo da pesquisa, expandindo a abordagem deste tema com outros grupos, em outros contextos sociais e culturais.

A dinâmica das oficinas com grupos focais

Cabe esclarecer o que é um *grupo focal* no contexto da presente pesquisa. Entendemos a utilização de grupos focais como uma técnica de investigação qualitativa, utilizada em pesquisas de intervenção sócio-cultural, cujo propósito é produzir conhecimento sobre um determinado tema da atualidade e que está presente no cotidiano das práticas sociais. Esta técnica de investigação qualitativa pretende também provocar modos de reflexão e crítica sobre o tema em pauta, desencadeando processos de produção de conhecimento que se estendem do pesquisador para os participantes dos *grupos focais* e vice-versa, daí utilizarmos o conceito de pesquisa intervenção. Nosso propósito é explorar questões relativas ao tema da “Juventude e Religião”, buscando uma compreensão das atitudes, valores, idéias e crenças de grupos representativos de determinados extratos sociais. Como veremos mais adiante, tendo por base as narrativas registradas nos debates durante os encontros, será construída uma análise que ao confrontar os diferentes discursos, proporcionará, através do entrelaçamento das narrativas, uma visibilidade mais profunda dos modos como a religiosidade dos jovens está sendo representada mais amplamente na sociedade e nos sujeitos em particular, constituindo cultura e subjetividades que revelam modos de agir no âmbito das práticas sociais.

A pesquisa com *grupos focais* baseia-se na realização de debates provocados por um dinamizador a partir de um estímulo previamente selecionado. A intenção é deflagrar um debate que não busca propriamente um consenso, mas trabalha com a emergência plural de discursos, com opiniões que podem convergir ou se confrontar, deixando vir à tona toda a complexidade do tema trabalhado, incentivando uma postura crítica em que a organização autônoma do pensamento é o elemento chave de todo o processo.

Cabe ressaltar que no âmbito desta pesquisa foi criada uma dinâmica para mediar a exibição de cenas de filmes² que apresentam depoimentos de pessoas, em geral jovens, deixando vir a tona o universo afetivo, cognitivo e cultural da personagem, permitindo um confronto com este mesmo universo presente no espectador.

O debate nos grupos focais tem como propósito deflagrar um processo interativo impregnado de reflexão, identificação, posicionamento e exposição que conduza a narrativa para a dimensão dialógica que lhe é inerente, evidenciando a característica alteritária da relação com o outro.

Assim, em cada *grupo focal*, selecionado a partir de traços sociais comuns, serão produzidas experiências discursivas desencadeadas por imagens e narrativas que sedimentarão tanto a especificidade da voz do grupo como um todo, quanto as particularidades das vozes de cada sujeito dentro do próprio grupo. Esta dinâmica, em última instância, permitirá também construir um novo discurso, desencadeado através da tensão entre as vozes dos participantes e as vozes trazidas pelas personagens dos depoimentos gravados em vídeo. Esta abordagem metodológica, através de oficinas que propiciam jogos de linguagem, pretende ser um modo de intervenção que incentiva o desenvolvimento do conhecimento crítico e autônomo no grupo participante. Além disto, expor a pluralidade semântica e semiológica, que emerge quando há interação dialógica entre grupos sociais diversos, traz à tona, justamente, a riqueza dos pontos de vista diferenciados para a constituição da subjetividade. Através dessa abordagem metodológica no campo da pesquisa intervenção é possível também repensar novas perspectivas educacionais, com vistas à constituição de uma visão de mundo que fundamente as práticas sociais pautadas na solidariedade e no respeito às diferenças. A metodologia desta pesquisa traduz uma concepção de produção de conhecimento compartilhado entre o pesquisador e os sujeitos envolvidos. Isto significa dizer que adotamos estratégias de entrevista e debate em forma de oficinas, com o objetivo de se construir um diagnóstico da experiência religiosa dos jovens na contemporaneidade. Pretende-se com isso realizar aproximadamente três encontros, com grupos de jovens de diferentes camadas sociais e crenças religiosas. A primeira oficina de debate foi realizada com alunos universitários da Puc-Rio, e é sobre o seu material que estamos nos debruçando neste momento. Estão sendo criadas categorias de análise e estudo mais aprofundado das questões levantadas, como forma de contemplarmos os principais pontos que puderam ser observados nessa primeira oficina. Para essa primeira análise apenas uma categoria será de fato explorada, dada a forte intensidade com que foi discutida na ocasião do debate; outras serão apenas apontadas como questões de extrema pertinência que merecem uma maior experiência de campo para que sejam devidamente trabalhadas.

Conclusões preliminares

Nesse primeiro encontro realizado com jovens da Puc-Rio, a discussão da religião foi perpassada pela sua função de dar sentido à vida, de elaborar aquilo que se vive, dentro de um sistema de crenças capaz de assegurar um equilíbrio entre a realidade objetivada e estabelecida tal como ela é, e a realidade subjetiva que retrata as formas singulares e específicas do sentir de cada um. Todos compartilharam de uma visão da fé enquanto possibilidade do homem de simbolizar o que experimenta e ordenar a vida. Isso aparece de forma clara, nesse fragmento da fala de uma das jovens:

Cecília - “Acho que religião vem pra vida de uma pessoa ocupar um lugar; como se fosse assim, colocar a vida em perspectiva, dar perspectiva pra vida, ela vem com uma explicação,

² Além do documentário “Jovens no Centro”, foi utilizado também o documentário “Santo Forte” - direção Eduardo Coutinho. 80 min. (1999)

ela vem com alguma orientação de futuro, ela te auxilia, ela de alguma forma suporta a pessoa de alguma maneira, religião seja ela qual for entendeu? Acho que cada uma com sua doutrina, cada uma com suas crenças, ela vai mais ou menos por ali”.

A partir dessa função da religião de dar sentido à existência, foram verificadas nos discursos destes jovens, duas perspectivas principais com relação aquilo que consideram como os desdobramentos dessa função. Uma, aponta para um entendimento de religião enquanto mecanismo institucional de poder que contribui para o controle da realidade social e a manutenção de uma determinada ordem. Essa maneira de compreender as práticas religiosas, contemplando as suas derivações no campo do poder, apresenta-se em alguns trechos da fala de um dos debatedores, em que ele afirma:

Gabriel - “Eu diria que religião, o termo religião, o caráter institucional da religião é poder. Claro. Porque qualquer instituição é poder, certo? E tem que ser. E tem que ser, pra ter uma mínima estrutura, uma estrutura estável pra poder sobreviver. Claro que é. Religião católica é poder? Obvio. Evangélica é? É, claro. Umbanda é? É também. Todas elas, todas elas caminham juntas no poder né?! Tem uma estrutura coercitiva.” (...) “É uma questão que eu identifico em praticamente todas as religiões, que é um “q” de manipulação, de trazer na verdade as leis ou as leis divinas, o que é certo, o que é errado, e de dizer como a gente deve agir, e a gente tem que agir de uma forma correta, como o menino mesmo do vídeo falou ou senão a gente estaria contra Deus , agindo de uma forma errada”.

Essa é uma perspectiva que compreende as instituições religiosas como mecanismos de aprisionamento com relação a uma expressão ou um contato mais livre com a dimensão da fé.

Em contraponto a essa visão mais institucionalizada da religião, compreendida em termos de poder, apareceu também uma outra perspectiva compreensiva, em que o exercício da fé é pensado apenas no seu caráter de busca pela liberdade. A religião sendo compreendida apenas como forma de proporcionar um grau maior de liberdade. Numa passagem do depoimento de uma das jovens, isso pode ser constatado, quando ela se refere ao fato de seguir a religião cristã:

Cidiane - “Eu lembrei enquanto o Gabriel falava, de uma frase que eu ouvi há muito tempo atrás e que é a seguinte: eu acredito naquilo que eu quero acreditar. A gente esquece de que a religião é uma experiência existencial. Eu pensava que a gente ia falar disso, do homem como ser religioso, não assim das questões dogmáticas, porque isso a teologia, os filósofos, ficam o tempo todo debatendo e não chegam a um consenso.” (...) “Acredito em Jesus Cristo, e vejo assim, que não limita. E ao contrário, existencialmente eu me percebo cada vez mais livre como ser humano, como mulher também. Na medida em que eu trago para minha vida isso, me sinto mais livre sim, até porque quando a gente segue, resolve ou opta por alguma coisa é porque a gente acredita e aquilo vem ao encontro de necessidades profundas do ser.”

Essa diferença de apropriação da experiência da fé, revela também diferentes maneiras de se conceituar a liberdade. O que alguns chamam de liberdade, para outros acaba tendo uma conotação outra que assume um sentido diverso, por vezes até mesmo contrário:

Gabriel - “É lógico que ser livre, ou seja, ser livre de crenças ou crenças compartilhadas, de alguma forma tem os seus contras. A gente acaba ficando mais angustiado, no meu caso acaba ficando sem chão às vezes; mas de alguma forma permite que eu ou outra pessoa que também não queira se enquadrar nesses mecanismos, se envolvam nas suas próprias crenças, se interne, se interiorize muito mais do que tentar aceitar uma estrutura pronta, dada, enfim, sem contestação, sem objeção, acho que abre para mais possibilidades para que a gente consiga se fazer ser né? Mais do que querem que a gente seja, ou que deus falou para gente ser, ou que é certo ou que é errado, ou que determinada estrutura social julga como sendo

correto, entendeu?” (...) “Qualquer tipo de sistema de crenças que tentam me dar linha e queiram dar uma diretriz para a minha própria vida, então acho isso limitador.”

Mariana - “Mesmo sabendo disso tudo, e que há paradoxos e há contradições, o que eu vivo é uma coisa que vai muito além disso, porque isso é estudado dentro da Igreja, é dado. Eu faço Teologia, e a gente tem todo um amparo teórico, histórico e mesmo, vai muito além disso, entendeu? Então, assim, essas coisas são muito interessantes, como a história, com tudo o que é passado; mas o que eu vivo vai muito além disso, é uma experiência viva. Então eu acho que é isso que eu acho muito interessante colocar: que eu provo desse amor de cristo, eu vivo isso, mesmo sabendo que tenham contradições, eu tenho ele presente.” (...) “Ao contrário dele (Gabriel), a religião no meu caso ela não me limita, e pelo contrário, eu me sinto liberta disso, eu sou livre. Eu sou metodista e nas minhas reuniões, nos meus grupos de jovens, há sim uma discussão, há sim uma reflexão, baseada não só no que é pregado, no que a gente tá vivendo. Os jovens a maioria é universitário, e mesmo que não seja, então a gente tá sempre debatendo, porque a gente mesmo tem os nossos questionamentos, então eu não acho que limita, pelo contrário, eu acho que eu nunca me senti tão livre depois que eu me converti.”

Gabriel - “O problema é essa rigidez que diz: nós temos a verdade. A verdade é, sei lá, a bíblia sagrada? São quatro evangelhos cujos todos outros foram retirados por motivos políticos, nós sabemos muito bem, né?! E que foram com o passar do tempo, foram distorcidos, foram mudados, foram alterados e isso já não é mais uma suposição, isso está evidente. O problema é essa rigidez que há entre as religiões, dizendo não essa aqui é a verdade, a palavra divina, vamos aceitar isso como verdade absoluta. É isso, essa falta de liberdade que eu tava falando né?! Que acaba de alguma forma limitando a gente, limitando uma reflexão mais aberta pra uma aceitação de outros tipos de crenças, de outras idéias.”

Em um outro depoimento, há uma relativização do que as expressões de fé representam, levando-nos a pensar que a tensão entre poder e liberdade deve ser estudada de acordo com as múltiplas praticas que estão sendo exercidas, pois tudo depende das apropriações que são feitas:

Luciano - “Entrando na adolescência eu já comecei a questionar esses mecanismos de poder. A gente estudou a bíblia, então a gente sabe que Jesus foi filho de carpinteiro e eu ficava muito incomodado, fico ainda, vendo o papa vivendo naquele mundo luxuoso, aquela missa do galo, uma coisa absurda de pomposidade; e eu comecei a questionar aquilo e é isso, eu comecei a não me identificar mais com a religiosidade” (...) “Agora por outro lado não é só isso. A gente teve a teologia da libertação, que foi pensar a religião numa dimensão mais politizada, uma coisa mais de libertação. Eu concordo com as duas meninas aqui em relação à questão de que a religião ela também pode proporcionar um grau maior de liberdade sim, também. Acho que depende muito das práticas porque, assim como a gente tem a teologia da libertação, existem outras vertentes como a TFP- Tradição, Família e Propriedade, que tem coisas positivas. Mas também tem outras vertentes que discutem, a própria CNBB de certo modo, ela traz à tona algumas discussões do plano político nacional e global também, sobre a questão da desigualdade no Brasil”.

Esse debate foi muito interessante, porque deflagrou uma realidade que não teria sido apreendida apenas com a leitura do texto de Peter Berger “O Dossel Sagrado”, acima trabalhado. Embora a questão da religião, pensada enquanto construção de mundo necessária para atribuir sentido à nossa existência, tenha sido confirmada nos discursos destes jovens, pôde também ficar claro que deve ser infinitamente levada em consideração, a imensa diversidade com que os jovens, especificamente, se apropriam da Fé. Todos os debatedores consideram a religião como um meio de dar sentido à vida, mas cada um entende essa função

ao seu modo; alguns contemplam-na em termos de poder, enquanto outros preferem um olhar que enfatize a experiência de liberdade proporcionada pela opção de determinada crença religiosa. Mas o que é liberdade e poder, então, se as interpretações são múltiplas? Parece que reside aí, neste ponto, o valor relevante da realização destas oficinas de debate.

Além dessa reflexão sobre o contraponto de religião entendida como poder, versus religião enquanto liberdade, três outras categorias de análise serão desenvolvidas nas próximas etapas deste estudo. São elas:

- 1 – A experiência de religiosidade como uma postura ética.
- 2 – Religiosidade e ruptura com a tradição familiar.
- 3 – Diversidade da experiência religiosa observada a nível individual e comunitário.

Referências

- ALETTI, M. **A representação de deus como objeto transicional ilusório. Perspectivas e problemas de um novo modelo.** In G.J de Paiva & W. Zangari, org., *A representação na religião: perspectivas psicológicas*, São Paulo: Loyola, 2004, 19-50.
- AUGRAS, M. **Tolerância: Os paradoxos.** In F. Teixeira, org. *O diálogo inter-religioso como afirmação da vida*, São Paulo: Paulinas, 1997, 77-91.
- ARENDDT, H. **O que é Política?** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- ARENDDT, H. **A condição Humana.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAUMAM, Z. **Em busca da Política.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- BENJAMIN, W. **Reflexões: A criança, o brinquedo, a educação.** São Paulo: Summus, 1984.
- BERGER, P. **O dossel sagrado.** São Paulo: Paulinas, 1985.
- CASTRO, L. R. **Crianças, jovens e cidades: vicissitudes da convivência, destinos da cidadania.** In: Castro, L. R. (org). *Subjetividade e Cidadania: um estudo com crianças e jovens em três cidades brasileiras.* Rio de Janeiro: 7 letras, 2001
- CERTEAU, M. **A invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer.** 9 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FREITAS, M. H. de **A religião como parte da vida: cenário atual dos estudos em psicologia,** in *Crença religiosa e personalidade*, Tese de Doutorado, Brasília: Unb, 2002: 42-56.
- JAMES, W. **XVI e XVII Conferências – O Misticismo,** In *AS variedades da experiência religiosa*, São Paulo: Cultrix, 1995, 237-267.
- JUNG, C.G. **A autonomia do inconsciente.** In *Psicologia da religião ocidental e oriental*, Petrópolis: Vozes, 1983, 7-38.
- MELLUCI, A. **“Juventude, tempo e movimentos sociais”.** *Revista Brasileira de Educação.* São Paulo, número especial, p. 5-14.
- NOVAIS, R & VANNUCHI, P. **Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

PERREAULT, J. **Pensar a religião entre os jovens e pensar a juventude a partir da religião.** In: CASTRO, L. R. Juventude Contemporânea: Perspectivas nacionais e internacionais. I ed. Rio de Janeiro, 2005.

SANCHIS, P. **Religiões, religião... Alguns problemas do sincretismo no campo religioso brasileiro.** In Fiéis e cidadãos - Percursos de sincretismo no Brasil. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001, 9-57.

SOUZA SANTOS, Boaventura de. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade.** São Paulo: Cortez Editora, 1995.

VERNANT, J.P. **Para que servem as religiões, Religião e Sociedade**, 9: 65-70, jun. 1983.